

NARRATIVAS, EXPERIÊNCIAS E AFETOS EM CARTAS PEDAGÓGICAS

JESUS, Eliane Maria de¹
LIMA, Vanessa Suligo Araujo²
SILVA, Eliane Batista da³

Resumo: Este texto propõe trazer à cena educacional as vivências de três pós-graduandas durante uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), intitulada “Estudo e Pesquisa de Formação Docente, Políticas e Práticas Educacionais.” As reflexões das estudantes emergem na escrita de seis cartas pedagógicas, tomadas aqui como fontes de pesquisa por seu caráter autoral e experiencial. Inspiradas pela abordagem da pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly (2011) e pela concepção de experiência em Dewey, compreendemos as narrativas como modos de produzir sentido e conhecimento a partir da experiência. As escolhas metodológicas seguem os rastros da cartografia proposta por Deleuze e Guattari (2004), permitindo mapear os encontros, afetos e narrativas que atravessam as cartas. Esse movimento narrativo evidenciou marcas singulares deixadas pelas autoras, refletindo sensibilidades, afetos, críticas e tensionamentos que atravessam o fazer docente. Neste intermezzo — onde algo sempre escapa às engrenagens do poder — é que nos constituímos, no que, evocando Nietzsche, nos torna o que somos.

Palavras-chave: PPGEdu/UNEMAT; Pesquisa Narrativa; Cartas Pedagógicas; Cartografias.

1 Para início de Conversa...

Ser reflexivo é ter a capacidade de utilizar o pensamento
como atribuidor de sentido.
Isabel Alarcão (1996).

Iniciar um texto é sempre um desafio, o movimento que nosso pensamento realiza enquanto redigimos cada palavra, não é linear, é movediço, e flutuante. Mas, não seria esse também o ato de refletir ao qual aqui nos propomos? Alarcão (1996) nos provoca a percebê-lo como atribuição de sentido, pensamos aqui que em alguma medida é também lidar com os

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu/UNEMAT). Professora Formadora do Núcleo de Formação Educacional (NFE) da Secretaria Municipal de Educação do Município de Porto dos Gaúchos-MT. E-mail: eliane.jesus@unemat.br

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu/UNEMAT), Campus de Cáceres-MT. Mestra em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM/UNEMAT), Campus de Barra do Bugres-MT. Docente da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso. E-mail: vanessa.lima@unemat.br

³ Mestranda no Programa da Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu/Unemat). E-mail: eliane.vilela@unemat.br

escritos no texto pelo próprio texto. Dito isto, assumimos os riscos implicados em tal tarefa, trazendo para a cena as narrativas de três pós-graduandas (aqui, autoras), vivenciadas na disciplina “Estudo e Pesquisa de Formação Docente, Políticas e Práticas Educacionais”, ofertada por meio do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário Jane Vanini, de Cáceres/MT.

A participação das pós-graduandas na disciplina foi marcada por experiências individuais, coletivas, intencionais e não intencionais. Guiadas pela querida Professora Doutora Ângela Rita Christofolo de Mello, que com maestria conduziu as aulas. Compuseram o desdobramento da disciplina atividades de leituras, seminários com apresentações individuais e em duplas, momentos de trocas, diálogos e tensionamentos, provocados e gerados a partir das contribuições apresentadas pelos participantes.

Na busca por mobilizar o conhecimento produzido nestes encontros, foi lançado o desafio da escrita individual de duas cartas pedagógicas, a serem feitas por cada participante, cujo conteúdo deveria evidenciar e elaborar reflexões acerca dos conceitos e fundamentos teórico-metodológicos trabalhados durante a disciplina, que mobilizaram experiências que atravessam o tempo, e os lugares que transitamos durante esses momentos vivenciados e, que foram revisitados à luz da abordagem narrativa, situada no espaço tridimensional proposto por Candinin e Connelly (2011), onde tempo, espaço e interações sociais se entrelaçam para compreendermos como as experiências são vividas, contadas e ressignificadas no processo de formação docente das pós-graduandas.

Da produção destas, surge esse texto que intenciona trazer para a cena, as narrativas tecidas pelas pós-graduandas, que nesse movimento de pensar e fazer operado em seus escritos individuais, mobilizam e apresentam questões que de algum modo se entrelaçam umas com as outras, assim, não são mais apenas as suas, e sim, as nossas cartas, onde vivências individuais tornam-se coletivas, à medida que se reconhecem nas próprias experiências, nas experiências das outras e dos demais participantes da disciplina, compondo um tecido narrativo compartilhado, onde as histórias se entrelaçam e se (re)significam mutuamente.

Para tanto, o fazemos a partir da pesquisa narrativa, conforme propõem Clandinin e Connelly (2011), que compreendem a experiência como central na produção de conhecimento, situada em um espaço tridimensional — tempo, espaço e interação. Inspirados pela filosofia de John Dewey, os autores entendem a experiência como um processo contínuo e relacional, que

fundamenta a investigação narrativa. Nesse sentido, a narrativa é escolhida justamente por sua capacidade de compreender a experiência, reveladas nas cartas pedagógicas ao articular as dimensões de interação (pessoal e social), continuidade (passado, presente e futuro) e situação (lugar). É no conteúdo dessas experiências narradas que emergem os sentidos do vivido na disciplina, atravessando memórias, afetos e reflexões que se entrelaçam com os conceitos teóricos, produzindo compreensões que não se encerram, mas se expandem na escuta e no compartilhamento com os outros.

Neste sentido, o relato de vivências está organizado em dois momentos que exploram diferentes aspectos das experiências compartilhadas pelas pós-graduandas, reveladas a partir das cartas pedagógicas. Essa organização permite cartografar e aprofundar a compreensão individual e coletiva desse movimento vivido no espaço tridimensional da pesquisa narrativa, no qual se entrelaçam memórias, emoções, tensões e reflexões. Essas vivências, situadas e narradas neste espaço, refletem e influenciam, de maneira contínua, o desenvolvimento profissional das participantes, evidenciando, sobretudo, os processos de construção individual e coletiva que atravessam o percurso do vivenciado ao longo da disciplina.

Entre os movimentos e entrelaçamentos dessas experiências, surge um momento singular de pausa e escuta — o *intermezzo*⁴ — que nos convida a acolher o que ainda está emergindo. É nesse intervalo que tensões e sentidos se desdobram, abrindo caminho para uma escuta mais atenta do que realmente acontece na trama das nossas narrativas. Seguimos assim pelos fluxos dessa rede de afetações, em que acessamos tais vivências por mapas de entrada e mapas de saída, ao modo próprio da cartografia, compreendendo que de um mapa a outro não buscamos a origem e sim os deslocamentos (Deleuze, 1997).

2 O que se passa no *intermezzo*?

Leveza que se expressa por meio de histórias, ouvidas ou vividas, e pequenas reflexões que brotam lá do fundo do coração, e que muitos dizem sobre a vida.
Fortunato; Franco e Araújo (2025).

⁴ Sempre no meio, entre as coisas, inter-se (Deleuze; Guattari, 1995, p.14).

Com as autoras perguntamos, que reflexões brotam dessas cartas? E ainda, o que elas nos dizem sobre a vida? Para fazer esse movimento de cartografar tais vivências, numa tentativa de responder às questões aqui evocadas, recorremos às direções que Clandinin e Connelly (2011), apontam na pesquisa narrativa, que orientam a compreensão das experiências vividas. Essas direções — introspectiva, extrospectiva, retrospectiva e prospectiva — nos ajudam a navegar no espaço tridimensional da experiência, conectando passado, presente e futuro.

A direção introspectiva nos leva a olhar para dentro, explorando as emoções, memórias e significados pessoais que emergem dessas experiências. Extrospectiva nos conduz às condições existenciais. A retrospectiva nos permite revisitar momentos anteriores, entendendo como eles influenciam o presente. Já a direção prospectiva abre espaço para imaginar possibilidades e expectativas futuras, possibilitando uma visão ampliada do percurso vivido.

Mobilizando os recursos necessários para adentrar neste universo das experiências das pós-graduandas, escolhemos a pesquisa narrativa como abordagem teórico metodológica pois, conforme defendem Clandinin e Connelly (2011, p. 48), “[...] narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência”. Sustentados ainda na cartografia de Deleuze e Guattari (2004), nos propomos a mapear as narrativas aqui traduzidas, lembrando que, “[...] tais mapas surgem no próprio movimento da pesquisa, conduzindo seus deslocamentos, não se colocando, portanto, como identificação ou prescrições” (Jesus, 2020, p. 27).

Nesta perspectiva, buscamos compreender as vivências que atravessam as pós-graduandas, as quais foram registradas nas cartas pedagógicas — registros autorais que revelam as múltiplas dimensões do vivido, articulando temporalidades, espaços e interações que constituem a trajetória formativa das participantes. Tal movimento nos conduz ao entendimento do que é a experiência para as autoras, e como ela opera na constituição de quem somos. Com Larrosa (2015, p. 21), aprendemos que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Esse entendimento conecta-se ao movimento do intermezzo — um momento de pausa, escuta e acolhimento em que as direções introspectiva, extrospectiva, retrospectiva e prospectiva se entrelaçam. Esse entrelaçamento possibilita uma escuta ampliada e sensível das múltiplas temporalidades e experiências que compõem o percurso formativo das pós-graduandas e que atravessam suas trajetórias na disciplina.

3. O entrelaçar das narrativas em dois movimentos

Para compreender como as experiências vividas se configuraram e se transformaram ao longo do percurso, organizamos a análise das cartas pedagógicas em dois momentos, que representam as duas temporalidades vivenciadas no desenho da disciplina. A primeira, corresponde a Unidade I e II, denominada “Educação & Política”, na qual foram trabalhados doze artigos de autores que discutem Educação e Políticas Públicas. O trio de pós-graduandas das quais as vivências aqui são manifestas, apresentou dois desses artigos, cuja escolha foi orientada pelas provocações teóricas que os textos suscitarão. Esse movimento remete às experiências educativas “[...] de estar-no-meio de coisas, à experiência de um curso de vida interrompido em que novos cursos se tornam possíveis” (Masschelein; Simons, 2017, p. 56).

É justamente no estar-no-meio, entre e com os outros, que o que foi vivenciado nestes debates, somado às discussões coletivas contribuiu significativamente para a elaboração das primeiras cartas, escritas ainda no calor do acontecimento, quando as impressões, expectativas e provocações teóricas começavam a se entrelaçar às experiências pessoais e profissionais das autoras, em um movimento que é introspectivo e também extrospectivo. Nesse instante, o olhar volta-se para o que emergia de forma mais espontânea e intuitiva, revelando marcas singulares, inquietações latentes e as primeiras tentativas de atribuir sentido ao vivido.

A segunda temporalidade corresponde ao vivenciado na Unidade III, denominada “Educação, Política & Pesquisa”, na qual foram explorados outros doze textos de autores que investigam os desdobramentos da pesquisa voltada às políticas públicas educacionais. Apresentando novamente dois desses artigos, as pós-graduandas participaram e implicaram-se diretamente com as exposições e debates que promoveram reflexões aprofundadas, fortalecendo os diálogos coletivos em sala de aula e oferecendo subsídios importantes para a escrita das cartas finais.

Neste ponto, as produções registradas, tem uma estética que marca a continuidade dos encontros e discussões ocorridas ao longo da disciplina, como um momento em que as autoras puderam revisitá-las suas próprias narrativas à luz de novas experiências compartilhadas, aprofundando e ressignificando o que antes se apresentava como percepções iniciais e reflexões ainda em desenvolvimento. Essa organização permitiu observar não apenas o conteúdo das experiências narradas, mas também o movimento de transformação que se constrói no encontro entre viver, escrever, escutar e narrar as experiências que nos atravessaram — um processo no qual vivências, percepções e reflexões, ao serem revisitadas e compartilhadas, se ampliam, e se convertem em aprendizagens que formam e transformam.

Para o que aqui propomos, assumimos que o método é um caminho que se faz ao caminhar, ou seja, este não se isola em tópicos desconexos, contrário ao isso, enquanto apresentamos os excertos das cartas, trazemos também o movimento de mobilização do pensamento que apresenta o mapeamento das narrativas ali construídas e as vivências por elas mobilizada. Para compreensão, sempre que citarmos trechos das cartas elas terão a seguinte configuração, à saber – autoria, abreviação (CP), e data.

3.1. Primeiras afetações

Ao mobilizarmos o pensamento, ancorados em conceitos e pressupostos teóricos, metodológicos e filosóficos, somos tirados do nosso lugar comum, e levados a lidar com o escrito ao modo de quem experimenta e exercita possibilidades. Nestas tentativas cheias de inconfianças⁵, nos lançamos ao desconhecido, em um mergulho narrativo que atravessa com as pós-graduandas “Eliane Maria de Jesus”, “Vanessa Suligo Araujo Lima” e “Eliane Batista da Silva”, por entre as linhas de suas cartas pedagógicas, que nos conduzem por uma cartografia ao modo de Deleuze e Guattari (2004) a mapear os encontros e conversas que as tocaram na experiência partilhada durante a disciplina “Estudo e Pesquisa de Formação Docente, Políticas e Práticas Educacionais.”

Eliane de Jesus inicia sua primeira carta pontuando “[...] ainda que aqui falamos de uma escrita pedagógica, esta encontra-se inscrita no vivenciado e circunscrita na temporalidade que

⁵ Informação verbal (julho de 2025). Termo cunhado por Ester (9 anos), ao falar sobre sua dúvida na prova de português disse que errou pois estava inconfiante com relação a resposta. Tomamos aqui este termo como autoral e como próprio do jogo da linguagem com o qual nos permitimos jogar.

aqui somos intimados a contar e cantar.” (Jesus, CP, 20 de abril de 2025). A autora aqui reconhece a dimensão temporal de uma vivência e sua imediatez. Sejamos protocolares por um instante, se quisermos seguir uma ordem e nos entendam neste ponto que esta não é nossa intenção, o fazemos apenas para aclarar o aspecto tridimensional da pesquisa narrativa. Observem que após indicar a temporalidade na qual escreve, a autora sinaliza lugar e interação em um mesmo gesto:

Acredito que se considerarmos que o que vivemos nos afeta e o gesto de afetar-se é antes de tudo um gesto de entrega, de alguém que permite ser afetado pelo outro, pelo meio, pelo que ouve, pelo que lê, pelo que escreve, entre tantas outras; estaremos na condição de sentir e viver o que nos é colocado com a intensidade de quem sabe da importância de estar presente e de ser presente no momento e no lugar em que escolhemos estar (Jesus, CP, 20 de abril de 2025).

Há entrega e envolvimento nas linhas aqui escritas, conseguimos perceber, e porque não dizer – sentir, o que a autora da carta aqui traduz, ela nos mostra a importância de se fazer presente com intensidade ao que se propôs. Essa entrega não é para todos, somente para os espíritos livres que se lançam às possibilidades da descoberta advindas de diálogos comprometidos com o fazer educação, em um encontro em que como reconhece Eliane Silva “[...] cada experiência é valorizada” (Silva, CP, 18 de abril de 2025). E é justo neste ponto que aqui nos detemos: na intensidade das experiências que marcaram e afetaram os participantes desta disciplina, porque não dizer, deste encontro.

Este primeiro bloco da disciplina, transportado para as primeiras cartas, aqui traduzidos por – primeiras afetações – “[...] reforçou o sentido de pertencimento, de fazer parte de uma educação transformadora” (Silva, CP, 18 de abril de 2025). Cá, a autora desta carta mobiliza um conceito fundamental que é o de educação que transforma, podemos enxergar aqui, o pensamento freiriano com sua pedagogia libertadora; e é inspirado também em Paulo Freire (1967) que Vanessa Suligo inicia sua carta “[...] movida pela coragem que a educação exige de nós — a coragem de olhar a realidade com seriedade, de encarar o debate com consciência crítica e de não fugir à discussão criadora, mesmo quando ela pesa nos ombros” (Araujo Lima, CP, 30 de abril de 2025).

Que cinesia é esta? Que faz com que ao escrever uma carta para falar da experiência de fazer determinada disciplina, pós-graduandas comecem a falar de educação como prática de liberdade, de coragem, de consciência de classe? Afinal de contas, é tão comum tais afetações?

Nos parece que pensar a educação neste movimento que é crítico e político, é ação necessária a quem de fato dela se ocupa, e perceber a potência das interações de um grupo de estudantes em um ambiente onde saber e poder estão entrelaçados, nos mostra a urgência de problematizar tais questões, ao modo de quem lança a palavra esperando que ela não retorne vazia. Isso é desafiador, e é justamente o que nos apresenta a carta de Vanessa, ao narrar que “[...] a cada encontro, fui desafiada não apenas a pensar, mas a me posicionar” (Araujo Lima, CP, 30 de abril de 2025).

Vemos na postura adotada por Vanessa nas linhas acima escritas o caráter singular da vivência, de se implicar com tudo o que se passa e nos passa. Afinal, “[...] vivenciar se furta a qualquer mediação lógica ou instrumentalização racional” (Viesenteiner, 2013, p. 146). E assim, ela assumiu essa experiência como ato de desafio e como quem aceita aquilo que lhe é proposto ela segue assumindo que “[...] o enfrentamento dessas questões nos convocou à coragem: coragem de olhar sem filtros, de reconhecer os silêncios, de não desviar o olhar, de não temer o debate” (Araujo Lima, CP, 30 de abril de 2025).

Acompanhando seu movimento e seu convite ao debate, Eliane de Jesus completa: “[...] fui levada a mais querer saber e mais a dizer sobre como se faz educação no Brasil (Jesus, CP, 20 de abril de 2025). Com a autora aqui nos detemos na curiosidade que move o aprendizado. Observem que ambas são afetadas de modos diferentes, isso não confere título de maior ou menor importância, mas, instaura o *módus operandi* que é da ordem do vivido, o que nos lembra que as vivências podem ser individuais, coletivas, intencionais e ainda não intencionais.

Como aponta Nietzsche em Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino “[...] as vivências [*erlebnisse*] mais notáveis, mais instrutivas, mais decisivas e mais íntima, são as cotidianas [*altäglichen*]”⁶. Alguém poderia supor que o que instaura caráter de importância no vivido seja a complexidade da vivência, porém, com Nietzsche entendemos que diferentemente disso, é no cotidiano que habita aquilo que é singular e, portanto, o que a nós interessa. Em suma, foi no espaço e tempo de uma disciplina da Pós-Graduação que três vidas se entrelaçaram apresentando narrativas potentes para pensarmos a educação.

Seguindo essas tramas narrativas temos a direção prospectiva da pesquisa, apresentada por Eliane Silva, ao afirmar “[...] ainda tenho esperança em um futuro melhor” (Silva, CP, 18

⁶ Aqui adotamos a tradução para o português de Silas Borges Monteiro com base na tradução em espanhol de Carlos Manzano publicada por Tusquets, Barcelona. A referência completa consta no final do texto.

de abril de 2025). A autora aqui projeta o esperançar para o futuro, reconhecendo que “[...] apesar dos altos e baixos” é possível “tornar o país um pouco mais justo” (Silva, CP, 18 de abril de 2025). A mesma expectativa atravessa a escrita de Vanessa “[...] que tenhamos essa esperança, e que ela nos conduza ao compromisso de transformar a realidade educacional que ainda perpetua as desigualdades” (Araujo Lima, CP, 30 de abril de 2025). Ambas as autoras aqui dialogam fazendo projeções ao que é necessário mobilizar para que mudanças significativas ocorram na educação do nosso país. Com suas aspirações corrobora Artur Gomes de Moraes (2002, p. 13) “[...] precisamos seguir resistindo com esperança”.

Diante dos excertos apresentados é com o convite prospectivo para o futuro que desenhamos as linhas finais dessas primeiras afetações, reconhecendo que haveria muito mais a explorar, e também nossa predileção por eleger determinados aspectos do que foi narrado em detrimento de outros. Ainda em tempo, assumimos o limite de quem interpreta, afinal de contas, “[...] narrativas são interpretativas e também requerem interpretação” (Riessman, 1993, p. 22 *apud* Paiva, 2008).

Destarte, seguimos com o convite para que vivenciem conosco o disposto nas “segundas afetações”.

3.2. Segundas afetações

À medida que envolvemos o pensado na tessitura das experiências que atravessaram as pós-graduandas ao longo da disciplina e mobilizaram lugares de reflexão, somos compelidas a sair do lugar comum e a enfrentar o escrito como um espaço de experimentação e exercício de possibilidades. É nessa travessia, repleta de inquietações e descobertas, que adentramos as segundas cartas pedagógicas de “Eliane Maria de Jesus”, “Vanessa Suligo Araujo Lima” e “Eliane Batista da Silva”. Por meio dessas narrativas, somos conduzidas por uma cartografia sensível e crítica, que revela a complexidade da formação docente e o impacto das políticas públicas educacionais que permeiam suas reflexões e atravessam suas vivências, configurando um diálogo vivo com os desafios contemporâneos da educação.

Neste movimento, ao revisitarmos essas experiências, observamos o pensamento das pós-graduandas se desdobrar em novas camadas de análise e aprofundamento, revelando uma compreensão ampliada das tensões estruturais da Formação Docente e das Políticas Públicas

Educacionais. Assim, suas narrativas, reveladas em seus escritos, se entrelaçam para construir um diálogo que problematiza o papel do professor, ressalta a educação como ato de resistência e destaca a urgência de uma formação comprometida com a transformação social.

É nesse contexto que a segunda carta pedagógica de Eliane de Jesus nos conduz a uma reflexão essencial sobre a ação educativa, pautada na tríade consciência, compreensão e conhecimento. Nela, é reafirmado o convite para aprofundar o debate sobre o processo de ação na formação docente, destacando que “[...] o movimento de conscientizar-se é o primeiro passo para a ação” (Jesus, CP, 10 de junho de 2025). A escrita revela o movimento delicado entre o despertar para a realidade, a necessidade de aprofundamento crítico e a busca pelo saber que sustenta a transformação. A ação, assim compreendida, não se reduz a um gesto imediato, mas emerge como um processo ético-político que desafia o professor a sair do lugar comum e a agir com responsabilidade diante das tensões e contradições da formação docente e das políticas públicas.

Na carta, Eliane de Jesus propõe uma aproximação reflexiva: “[...] me proponho então, a fazer o exercício contigo, de falar sobre estes aspectos que me parece, constituíram o último encontro da disciplina” (Jesus, CP, 10 de junho de 2025), convidando os leitores a reconhecer que a conscientização é o ponto de partida para a ação. Essa escrita mobiliza a dimensão subjetiva e crítica da formação, indicando que educar exige um movimento de deslocamento e reinvenção por parte do docente.

Esse movimento de olhar para dentro da experiência, mobilizando sentidos, afetos e deslocamentos, encontra força na direção introspectiva da pesquisa narrativa. Como refletem Clandinin e Connelly (2011), compreender a experiência não é apenas observar o que acontece, mas deixar emergir os sentidos e significados que se entrelaçam no tempo, no espaço e nas relações. Essa escuta do vivido, tal como se apresenta na carta de Eliane, exige o que Larrosa (2002) chama de "disposição à experiência", isto é, uma abertura radical para o que nos atravessa, mesmo (ou especialmente) quando nos desconcerta.

Essa consciência crítica se articula com a segunda carta de Vanessa Suligo, que avança na análise ao introduzir uma exigência ética incontornável: a memória como princípio formativo. Inspirada na contundência da teoria crítica de Theodor Adorno, sua escrita ecoa a compreensão de que uma educação verdadeiramente comprometida deve, antes de tudo, impedir a repetição de horrores como Auschwitz, conforme defende Adorno. Assim, ela afirma

que “[...] a educação carrega em si uma exigência ética e histórica fundamental — a de evitar que horrores como Auschwitz se repitam” (Araujo Lima, CP, 30 de junho de 2025).

A travessia descrita por Vanessa é marcada por dor, resistência e compromisso, pois, como ela mesma revela, “por dias adiei essa carta” (Araujo Lima, CP, 30 de junho de 2025), antecipando o peso que a história imprime em quem se compromete com a transformação. Vanessa, aciona a dimensão retrospectiva ao revisitar os horrores do passado e ligá-los às urgências do presente, produzindo o que Masschelein e Simons (2017) chamam de voz pedagógica — uma voz que resiste à neutralidade e que insiste na responsabilidade ética do educador. Sua escrita ecoa o pensamento de conceber a educação como um processo profundamente ligado à sensibilidade e ao reconhecimento do outro. “Educar para que Auschwitz não se repita é educar para a responsabilidade ética, para o reconhecimento do outro, para o cultivo da empatia e da justiça social” (Araujo Lima, CP, 30 de junho de 2025). A educação, nesse contexto, torna-se ato de coragem e amor, como diria Paulo Freire (2021), é ação política que se recusa a esquecer.

Esse debate se amplia com a segunda carta de Eliane Silva, que insere a discussão no contexto das Políticas Públicas de Formação Docente. Ao escrever que “[...] temos assistido a uma série de compromissos reformistas, descontinuidades, e retrocessos que adormecem os projetos de uma educação democrática, inclusiva e transformadora” (Silva, CP, 13 de junho de 2025). A autora desvela as entranhas de um sistema que falha em garantir as condições necessárias para a prática educativa que as outras cartas reivindicam.

Ao olhar para as dimensões políticas, Eliane Silva nos conduz pela direção extrospectiva, ao denunciar os efeitos concretos de uma formação docente atravessada por lógicas neoliberais, descontinuidades políticas e currículos frágeis. Ao afirmar que “[...] a maioria dos cursos de licenciatura não possuem disciplinas direcionadas ao tema [da inclusão]” (Silva, CP, 13 de junho de 2025), revela o abismo entre a legislação e a prática, entre o discurso e a experiência.

Nessa crítica contundente da autora, ressoa o alerta de que aponta para a urgência de resistir aos projetos que esvaziam o sentido crítico da educação, assim como defende Isabel Alarcão (1996), que propõe uma formação reflexiva e integrada, em que teoria e prática, sensibilidade e análise se entrelaçam na constituição do professor. A interrogação final de sua carta ressoa como provocação política e epistêmica: “Diante dos desafios atuais na educação,

que características devem ter os professores, as universidades, as escolas e os contextos de formação que realmente correspondam ao papel social que desempenham...?” (Silva, CP, 13 de junho de 2025). O tom questionador convida a um enfrentamento direto com os modelos tecnicistas e a imaginar outras possibilidades — movimento que aciona, portanto, a direção prospectiva, ao convocar à reinvenção de futuros possíveis.

Ao articular essas três cartas finais, compreendemos que não há como pensar uma ação educativa crítica, uma prática pedagógica corajosa ou um compromisso ético com a transformação social sem enfrentar, de maneira direta, os limites e contradições das políticas que estruturam a formação docente. O que está em jogo, como mostram as autoras, é mais do que uma questão técnica: trata-se de uma disputa pelo sentido da educação, pelos valores que a sustentam e pelos projetos de sociedade que desejamos construir.

É nesse ponto que a cartografia proposta por Deleuze e Guattari (1995; 2004) nos ajuda a entender essas cartas não como diagnósticos fechados, mas como mapas em movimento, atravessados por linhas de fuga, tensões e possibilidades. Aqui, a cartografia não serve para nomear territórios fixos das narrativas escritas em cartas pedagógicas, mas para evidenciar os deslocamentos subjetivos, políticos e epistemológicos que as autoras vivenciam ao longo do processo formativo.

As narrativas de Eliane de Jesus, Vanessa e Eliane Silva, portanto, convergem para a afirmação de que educar é uma ação ética e política que exige para além das condições estruturantes, demanda comprometimento, reflexão, ação, consciência crítica, coragem e uma dose indispensável de afetos. Ao narrar que “[...] o movimento de conscientizar-se é o primeiro passo para a ação” (Jesus, CP, 10 de junho de 2025), que “[...] a educação é um ato de coragem” (Araujo Lima, CP, 30 de junho de 2025) e que “[...] as políticas de valorização docente no Brasil ainda estão longe de se concretizar” (Silva, CP, 13 de junho de 2025), cada autora revela facetas de um mesmo desafio: formar educadores e educadoras capazes de resistir às lógicas desumanizadoras que atravessam a educação brasileira.

Esses movimentos narrativos, tecidos pelas cartas, compõem uma cartografia sensível que expressa os deslocamentos subjetivos, epistemológicos e políticos vivenciados pelas autoras, lidas à luz do espaço tridimensional da pesquisa narrativa — estruturado nas dimensões da temporalidade, espacialidade e socialidade, conforme defendem Clandinin e Connelly (2011) — suas vozes se entrelaçam por direções introspectiva, retrospectiva, extrospectiva e

prospectiva, revelando não apenas o que foi vivido, mas o que ainda pulsa como memória, crítica e potencialidade. As três pós-graduandas transitaram por essas quatro direções em suas narrativas, ainda que neste texto tenhamos destacado apenas algumas delas, escolhendo trechos que evidenciam as camadas mais significativas de suas experiências e reflexões. Nessa travessia, narrativa e cartografia, essas experiências se encontram como formas de pensar, sentir e pesquisar a formação docente, afirmando o compromisso com uma educação transformadora.

Trata-se, enfim, de articular desejo e denúncia, crítica e prática, sonho e estrutura. Como narrou Eliane Silva, “[...] precisamos repensar nossas prioridades enquanto educadores e exigir políticas públicas que valorizem o papel do professor” (Silva, CP, 13 de junho de 2025). Esse é o horizonte que as cartas nos oferecem: uma formação docente que seja, simultaneamente, política, afetiva e emancipadora — uma travessia que não se faz sozinha, mas em coletivo, na luta por uma educação justa, democrática e verdadeiramente transformadora.

4 Caminhos possíveis

Ao chegar neste ponto da narrativa, percebemos a dificuldade de dizer adeus — como se fosse difícil encerrar algo que ainda pulsa em nós. Como uma criança que se recusa a deixar o parquinho da pracinha da cidade quando o sol já se pôs e a mãe lhe ordena, assim nos sentimos neste ponto. Saberia alguém despedir-se sem afetar-se? Sentimos que no movimento narrativo aqui escolhido temos dificuldades em dizer adeus. Talvez o receio resida ainda na preocupação em não saber como finalizar o até aqui dito. Como afinal podemos fechar uma ideia? Esperem um pouco, achamos mesmo que não conseguiremos fechar — o que quer que isso queira dizer — e neste ponto reconhecemos que é por isso que este trecho não recebe o nome de “conclusões”, talvez mesmo por entendermos a arrogância de tal pretensão. Neste sentido, desenhamos algumas possibilidades com as quais entendemos termos dialogado ao longo deste texto.

Nesse movimento, esse percurso não busca uma resposta definitiva, mas sim abrir espaços para novas perguntas e reflexões. Reconhecemos que cada experiência, cada narrativa, é um mapa que se desenha e se redesenha nas múltiplas dimensões do espaço tridimensional da experiência — entrelaçando tempo, lugar e interação. O aprendizado acontece justamente nesse movimento contínuo e aberto, onde passado, presente e futuro dialogam, assim como as emoções, os contextos e as relações.

É nesse sentido que retomamos o *intermezzo*, momento de pausa, escuta e acolhimento que nos permitiu entrelaçar as direções introspectiva, extrospectiva, retrospectiva e prospectiva da pesquisa narrativa. Um espaço onde o gesto de parar para sentir, refletir, olhar e escutar com atenção ampliada abre possibilidades para perceber a profundidade das experiências que atravessam a nossa trajetória formativa. Talvez a beleza desse percurso esteja na impossibilidade de um fechamento absoluto, na chance de continuarmos sempre a caminhar, repensar e reinventar o que fazemos e somos. Afinal, o caminho se faz caminhando — e é também um movimento na direção que queremos seguir, em busca da educação que sonhamos.

Enfim, reconhecemos que as produções escritas, e as narrativas vivenciadas, juntamente com o presente relato, constituem evidências significativas do processo de aprendizagem e desenvolvimento crítico que nos atravessou durante a disciplina. De modo que, de tal desfecho não abrimos mão. Afinal de contas, quem determina ou confere o caráter de valor a uma aprendizagem, ou mesmo a define como significativa ou não? Não seriam mesmo nossas vivências a fazê-lo? Acreditamos que sim, e neste ponto assumindo o risco de sermos taxativos, defendemos que as narrativas aqui apresentadas foram potentes para dizer do fazer educação enquanto ato coletivo e político, por que não dizer, diretamente implicado com quem nos constituímos no processo de nos tornar o que somos.

NARRATIVES, EXPERIENCES, AND AFFECTIONS IN EDUCATIONAL LETTERS

Abstract: This article aims to bring to the educational scene the experiences of three graduate students during a course offered by the Graduate Program in Education (PPGEdu) at the State University of Mato Grosso (UNEMAT), entitled *Study and Research on Teacher Education, Policies, and Educational Practices*. The students' reflections emerge through the writing of six pedagogical letters, considered here as research sources due to their authorial and experiential nature. Inspired by the narrative inquiry approach of Clandinin and Connelly (2011) and Dewey's concept of experience, we understand narratives as ways of producing meaning and knowledge from experience. The methodological choices follow the cartography proposed by Deleuze and Guattari (2004), allowing us to map the encounters, affections, and narratives that traverse the letters. This narrative movement revealed unique marks left by the authors, reflecting sensibilities, affections, critiques, and tensions that permeate the teaching practice. It is in this intermezzo — where something always escapes the machinery of power — that we are constituted, in what, evoking Nietzsche, makes us who we are.

Keywords: PPGEdu/UNEMAT; Narrative Inquiry; Pedagogical Letters; Cartographies.

Referências

ALARÇÃO, Isabel (Org.). **Formação reflexiva de professores:** estratégias de supervisão. Editora Porto: Portugal, 1996.

ARAUJO LIMA, Vanessa Suligo. **Carta Pedagógica 1.** Disciplina: Estudos e Pesquisas em Formação de Professores e Práticas Educacionais. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu/UNEMAT), Campus “Jane Vanini”, município de Cáceres - MT, 30 abril. 2025. Documento autoral e inédito.

ARAUJO LIMA, Vanessa Suligo. **Carta Pedagógica 2.** Disciplina: Estudos e Pesquisas em Formação de Professores e Práticas Educacionais. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu/UNEMAT), Campus “Jane Vanini”, município de Cáceres - MT, 30 jun. 2025. Documento inédito.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa:** experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica.** Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. vol.1. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo:** Capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução: Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

DEWEY, John. **Experiência e educação.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FORTUNATO, Ivan; FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro; ARAÚJO, Osmar Hélio Alves. Cartas pedagógicas na e para a pesquisa qualitativa na formação docente: uma metodologia para humanizar. **Revista Pesquisa Qualitativa.** São Paulo (SP), v. 13, n. 35, p. 88-106, jul. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 74. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

JESUS, Eliane Maria de. **Cantinho do pensamento:** vivências de crianças na creche. 2020. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

JESUS, Eliane Maria de. **Carta Pedagógica 1.** Disciplina: Estudos e Pesquisas em Formação de Professores e Práticas Educacionais. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu/UNEMAT), Campus “Jane Vanini”, município de Cáceres - MT, 28 abril. 2025. Documento autoral e inédito.

JESUS, Eliane Maria de. **Carta Pedagógica 2.** Disciplina: Estudos e Pesquisas em Formação de Professores e Práticas Educacionais. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu/UNEMAT), Campus “Jane Vanini”, município de Cáceres - MT, 10 jun. 2025. Documento inédito.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Universidade de Barcelona, Espanha: Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística. **Revista Brasileira de Educação**, [S. I.], n. 19, p. 20-28, jan/abr. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana.** Danças, piruetas e mascaradas. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. Experiências escolares: uma tentativa de encontrar uma voz pedagógica. In: LARROSA, Jorge (org.). **Elogio da Escola**. Tradução: Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MORAIS, Artur Gomes. Políticas e Práticas de Alfabetização no Brasil, hoje: precisamos continuar resistindo e aprendendo com Paulo Freire. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. I.], n.16, (Edição Especial), p. 1-14, 2002. DOI: <https://doi.org/10.47249/rba2022584>.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2008.

SILVA, Eliane Batista da. **Carta Pedagógica 1.** Disciplina: Estudos e Pesquisas em Formação de Professores e Práticas Educacionais. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu/UNEMAT), Campus “Jane Vanini”, município de Cáceres - MT, 18 abril. 2025. Documento autoral e inédito.

SILVA, Eliane Batista da. **Carta Pedagógica 2.** Disciplina: Estudos e Pesquisas em Formação de Professores e Práticas Educacionais. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu/UNEMAT), Campus “Jane Vanini”, município de Cáceres - MT, 13 jun. 2025. Documento inédito.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. O conceito de vivência (Erlebnis) em Nietzsche: gênese, significado e recepção. **KRITERION**, Belo Horizonte, n 127, p.141-155, jun. 2013.